

ENSINAR LITERATURA É A TAREFA DO PROFESSOR DE PORTUGUÊS

Paulo Coimbra Guedes
UFRGS

LANÇAMENTOS DA EDIPUCRS

Em co-edição com a Livraria Editora e Distribuidora Sagra

SANTOS, Volnir. *Apontamentos de Literatura Gaúcha*. 1990, 120p. A obra tem como objetivo apresentar, de forma sistemática, o percurso histórico da literatura feita no RS, expondo, sumariamente, os fundamentos que deram origem a determinadas criações estéticas.

Pedidos por reembolso postal à:

SAGRA – Livraria, Editora e Distribuidora Ltda.

Rua João Alfredo, 448

90 050 – Porto Alegre/RS – Fone (0512) 27-5222

Eu acho que o professor de Português tem um conteúdo e uma tarefa: o conteúdo é a literatura, e a tarefa é ensinar seu aluno a ler e escrever literatura. Explico melhor: todo professor tem a tarefa de ensinar seu aluno a ler e escrever o conteúdo de sua disciplina. Mais claramente ainda: ensinar é, a meu ver, levar o aluno a tornar-se capaz de expressar-se na ciência ou na arte que com ele processamos em nossa sala de aula. Desse modo, cabe ao professor de História, por exemplo, ensinar seu aluno a ler História e a escrever História; cabe ao professor de Biologia ensinar seu aluno a ler e escrever Biologia; cabe ao professor de Artes levar seu aluno a ler (olhar, ouvir) desenhos, pinturas, esculturas, música, dança, teatro e a escrever (tocar, compor, desenhar, pintar, representar) desenhos, pinturas, esculturas, música, dança, teatro. Generalizando, cabe ao professor tornar seu aluno capaz de entender e expressar seu entendimento da ciência ou da arte que com ele processa em sua sala de aula.

1 LER E ESCREVER NÃO SÃO TÉCNICAS

Ler é ler sobre alguma coisa: claro que há habilidades comuns de leitura que devem ser dominadas pelo leitor de qualquer texto – inclusive pelos professores de qualquer disciplina –, mas cada ciência e cada arte tem seus conceitos próprios, seus argumentos e uma peculiar forma de apresentá-los, orde-

ná-los, relacioná-los, encaminhá-los, de acordo com as várias teorias que tentam organizar o conhecimento próprio e as habilidades específicas. Levar os alunos a reconhecer o valor desses conceitos, o significado de tal ou tal modo de apresentá-los, relacioná-los, a contribuição de cada teoria, etc. é exatamente o serviço a ser prestado pelo professor, além, é claro, de, através de objetiva, clara e transparente avaliação do estágio em que se encontra sua habilidade de leitura, fornecer-lhe parâmetros para auto-avaliar-se e indicações para desenvolver ainda mais essa habilidade. É claro que saber ler bem textos sobre História, por exemplo, ajuda a ler Literatura, Biologia e tudo o mais e reciprocamente.

Escrever também é escrever sobre. Escrever é, a partir de um determinado assunto, organizar enredos, quadros, idéias, argumentos para agradar, agitar, divertir, comover, esclarecer, intrigar, convencer um determinado grupo de leitores, habilidades comuns que devem ser dominadas pelo escritor de qualquer texto. Levar o aluno a usar adequadamente os conceitos básicos de cada ciência ou arte, a apresentá-los da mais adequada forma e a relacioná-los do modo mais eficaz para atingir o objetivo que quer alcançar com seu texto é exatamente o serviço a ser prestado pelo professor, além, é claro, de, através de objetiva, clara e transparente avaliação do estágio em que se encontra sua habilidade de escrita, fornecer-lhe parâmetros para auto-avaliar-se e indicações para desenvolver ainda mais essa habilidade. É claro que aprender a escrever bons textos sobre História, por exemplo, ajuda a escrever sobre Literatura, Biologia e todo o resto e reciprocamente.

Então, para deixar bem claro, não acho que o professor de Português deva ser um "instrumentador" do aluno para que ele consiga ler e escrever os textos exigidos nas outras matérias porque acho que ensinar a ler e escrever é tarefa básica de quem ensina. Ao professor de Português cabe ensinar a ler e escrever literatura. O que é isso?

2 ESCREVER LITERATURA É PRODUZIR CONHECIMENTO E NÃO BONITEZA

Pra começar não é necessariamente ensinar a ler e escrever arte literária, tal como escreveram aqueles autores consagra-

dos — que estudamos no curso de Letras — daquelas obras cuja literariedade foi legitimada pela tradição ou, mais recentemente, como escrevem nas oficinas e seminários de criação literária aqueles que voluntariamente decidem dedicar-se à produção de poemas, contos, romances, crônicas e novelas. Não se trata, pois, de fazer de cada aluno um artista da palavra, mas de dotá-lo da capacidade artesanal de produzir textos capazes de ajudá-lo e a seus leitores a organizar sua relação consigo mesmo e com a realidade social que o cerca. Na verdade, ajudar seu autor e seus leitores a organizar sua relação consigo mesmo e com a realidade social que os cerca foi o mais importante de todos os serviços que a melhor literatura brasileira prestou à causa de nossa cultura e de nossa nacionalidade. Desse modo, o que devemos esperar que nosso aluno produza com seu texto é conhecimento, — e vamos cobrar isso dele em nossas avaliações — e não eventuais efeitos artísticos — vamos apenas ficar felizes se eles ocorrerem.

Professores de Português, além disso, não sistematizam outro tipo de texto além do literário, mesmo que nem cheguem a sistematizar o literário como texto, mas, de qualquer modo, as categorias com que lidam — narração, descrição, dissertação, poesia, crônica, conto, romance — aproximam-no muito mais da literatura do que de qualquer outra coisa escrita. Certamente eles não se sentem mandando seus alunos escreverem literatura, até porque o conceito de literatura que perpassa os cursos de Letras mais serve para colocá-la longe do alcance dos comuns, seja como conjunto de textos modelares inimitáveis, seja como atividade a que se vão dedicar apenas aqueles alunos que "têm queda", exercício que vai acontecer bem longe de suas salas de aula, nas "oficinas literárias". Mesmo assim, eles não sistematizaram nos seus cursos de Letras nenhum outro tipo dos textos com que eventualmente lidam — cartas comerciais, relatórios, correspondência oficial. Mesmo para a dissertação, apesar da disseminação dos moldes dos cursinhos pré-vestibular, a leitura a sério que o professor de Português fez de textos dissertativos foi a de ensaios sobre a literatura, e, num segundo plano, sobre a língua. Essa experiência de leitura não pode deixar de influenciar no seu jeito de ler os textos de seus alunos.

Um professor de Português, precisa, portanto, saber não só para que e por que foram escritos no Brasil poemas, contos,

romances, ensaios — isso foi provavelmente conteúdo programático das disciplinas de Literatura Brasileira de seu curso de Letras e tem de ser assunto de sua educação permanente, de seu aperfeiçoamento profissional —, mas também para que e como a gente deve continuar a escrevê-los — se a prática da produção de texto, a leitura (teoria e prática), a análise do discurso e a lingüística do texto não foram conteúdos do seu curso de Letras, o professor de Português precisa dar um jeito de travar conhecimento com tais práticas e disciplinas. Tais são os instrumentos básicos para o seu trabalho. É preciso dominar o texto como um artesanato para ensinar seus alunos, tal como um pedreiro ensina as crianças da aldeia a fazer uma rede ou uma redeira ensina a fazer colchas e toalhas, um canoeiro ensina a fazer canoas, e assim por diante. Precisa, também, ter clareza do que pretende com esse trabalho, das etapas pelas quais ele precisa passar e dos critérios de avaliação para orientar o aluno na direção do aperfeiçoamento de seu texto.

3 UM SÓ PROFESSOR PARA LÍNGUA, LITERATURA E REDAÇÃO

Não acho que nossa tarefa — ensinar a ler e escrever literatura — pode ser executada de forma adequada nem pelo estudo da metalinguagem gramatical nem pelo da história da literatura, nem pela redação de dissertações de introdução — desenvolvimento — conclusão, os conteúdos que mais comumente temos atribuído. Acho que precisamos ensinar a norma culta da Língua Portuguesa, a história da literatura e até mesmo a escrever dissertações, mas nenhum desses conteúdos pode constituir o centro de nosso trabalho.

Nesse sentido, a tendência que se nota no 2º Grau de sectionar a disciplina Língua Portuguesa em Português e Literatura, ou pior, em Português, Literatura e Redação, atribuindo a cada uma delas um professor diferente, um "especialista", não me parece uma boa idéia. Para começar, porque sem essa separação a gente já tem muito mais alunos do que seria razoável para fazer um bom trabalho. Com quantas turmas terá de trabalhar cada um deles? Em segundo lugar, porque o responsável

pela aula de Português vai ter de dar aulas sobre as regras da Norma Culta, sem que lhe seja possível mostrar para que elas servem; o professor de Redação vai se tornar um animador de debates sobre qualquer coisa para depois dar aulas apenas sobre a estrutura da redação porque "gramática" não é com ele e discutir apenas formalidades e generalidades sobre o conteúdo, que também não é dele; o professor de Literatura vai falar de livros, de escolas literárias e de autores sem entender depois porque seus alunos escrevem tão mal e sem poder fazer nada por eles, porque nem Redação nem Português são o seu trabalho. Finalmente, essa separação contribui para que o aluno, já demasiadamente — talvez definitivamente — dividido pela especialização própria da sociedade industrial e pela já estanque divisão entre as áreas de conhecimento expressa nas várias disciplinas de seu currículo, não consiga mesmo estabelecer nenhuma relação entre ler, organizar o conhecimento e expressar-se sobre ele. Um único professor faria esse trabalho de forma mais orgânica e com mais tempo e maior proximidade ao aluno.

Na verdade, essa separação responde a um curiosa lógica que corresponde à separação do que se escreve em duas funções distintas; de um lado, a Literatura, que, quando não se limita à história da Literatura Brasileira, propõe a produção de um texto "criativo" (freqüentemente os seminários ou oficinas de criação literária são enfaticamente apresentados como inteiramente distintos de aula de Português, quando não exatamente o contrário delas). De outro lado, está a aula de Português, com sua redação "técnica" ou "dissertativa" ou "objetiva". A redação da aula de Português seria "não-criativa", como se pode inferir, por oposição à da aula de Literatura, que seria "não-objetiva". Essa separação significa, a meu ver, que há na escola — particularmente na aula de Português — um conflito entre o apreço geral que ainda se dá ao escrever como uma atividade ornamental, com função muito mais de classificar o autor dentro de um determinado grupo de prestígio, atitude que se pode classificar como resíduo de um outro tempo — o tempo para o qual foi forjada a escola que ainda temos — e uma nova necessidade (real ou imaginária ou real e imaginária ao mesmo tempo) de um outro escrever, que seja capaz de veicular o conhecimento necessário numa sociedade que se pretende "moderna". Curiosamente, para a antiga necessidade criou-se a disciplina nova, enquanto que a disci-

plina tradicional ficou encarregada de dar conta da nova, da "moderna". Ao meu ver, essa separação também reflete a velha dificuldade da cultura brasileira (do texto brasileiro, seja de qual for o gênero) com o seu leitor: a interlocução não se dá em nenhum dos dois tipos de texto, de que é extirpada — do "criativo", por não ter compromisso com a "realidade", com a "razão", com os "fatos", e do "não-criativo", por não ter compromisso justamente com a criação — a produção de algum conhecimento, de algo que possa estabelecer entre autor e leitor uma relação mediada por um testemunho, por um depoimento verificável pela experiência compartilhada. Fica determinado que o texto "criativo" é só pra bonito e que o texto "não-criativo" só vai reorganizar o que todo mundo já sabe.

A outra alternativa foi a criação da aula de Redação, para ela transferindo-se exclusivamente o texto "objetivo", ainda separado do criativo, declarando-se que o estudo da norma culta — único assunto que sobrou para a aula de Português — é, ao mesmo tempo, indispensável — pois que tem aula só pra ele, e inútil — já que sequer serve para que se escreva melhor tanto numa modalidade quanto na outra.

Atenção: estou falando de professor de Língua Portuguesa no 1º e 2º graus; não estou falando de disciplinas especializadas de Língua Portuguesa (Morfologia, Sintaxe, Fonologia do Português, Lingüística Geral, etc.) e de Literatura (Teoria Literária, Literatura Brasileira, Portuguesa, etc.) nos cursos de Letras, onde tais disciplinas exigem de fato um nível de aprofundamento que só pode ser atingido por especialistas. Querer que um licenciado em Letras desenvolva um trabalho em 1º e em 2º graus centrado na habilidade de ler e escrever literatura não é exigir-lhe saber enciclopédico; é solicitar-lhe que mobilize organicamente sua formação de licenciado em Letras.

4 O 1º GRAU TEM DE DAR CONTA DE HÁBITOS DE TRABALHO E DA QUANTIDADE DE LEITURA

Este artigo organiza-se em torno de um depoimento sobre uma experiência de trabalho em 2º grau; sobre o 1º grau dou apenas alguns palpites de quem já pensou na questão a partir

de orientação de Prática de Ensino e, principalmente, a partir do sofrimento que enfrentei dando aulas para alunos oriundos do trabalho "permissivo" que anda sendo feito por aí no 1º grau.

Acho que o 1º grau daria um excelente serviço se propicias-se ao aluno a leitura de uma boa quantidade de livros, a partir da convicção — obrigatória para todo professor de Português — de que ler é uma atividade muito interessante, um gosto a ser conquistado mais do que um hábito a ser cultivado. Um bom roteiro de trabalho para leitura no 1º grau encontra-se no livro *O Texto na sala de aula* organizado por João Vanderley Geraldí, publicado pela ASSOESTE, de Cascavel. Nessa mesma obra, encontra-se um também excelente roteiro para trabalho com produção de texto, tanto de sugestões de seqüências de temas por série, como de trabalhos para aprimorar a expressão escrita, inclusive no sentido do uso da norma culta, sem a necessidade de usar a metalinguagem gramatical. Além de trabalhar a leitura e a escrita, seria de grande valia treinar os alunos no uso de fontes de informação, como dicionários de uso e dicionários especializados — de verbos, de sinônimos, de idéias afins, enciclopédicos, ortográficos e outros —; treinar o uso dos tempos e formas verbais, o uso dos acentos, o correto emprego das letras, etc.

Sobre essa base, seria possível no 2º grau começar a trabalhar a precisão e a teorização. Somente um aluno com uma boa bagagem de leitura, por exemplo, pode conceber conceitos como enredo, personagem, narrador, a partir dos concretos enredos, personagens e narradores com que entrou em contato nas muitas narrativas que leu.

5 NO 2º GRAU, LER E ESCREVER DO PRÓXIMO AO DISTANTE

As idéias aqui apresentadas nortearam o programa do Departamento de Comunicação e Expressão do 2º grau do Colégio Anchieta, que organizamos em 1981 a partir destes quatro princípios básicos:

- integrar o trabalho, atribuindo a um único professor as atividades de Língua, Literatura e Redação;
- centralizar a atividade na produção de textos;

- c) organizar as seqüências de atividades e de conteúdos numa ordem que leve do próximo para o distante;
- d) levar o aluno a falar dele, de sua experiência, de sua realidade social mais próxima, de modo a tentar produzir algum conhecimento a respeito dela.

A partir desses princípios, Língua Portuguesa deixa de ser considerada como gramática normativa e passa a ser tratada como instrumento para aprimorar a expressão escrita. Redação passa a ser tomada como instrumento privilegiado para a organização da experiência pessoal nos planos afetivo e intelectual. Literatura deverá propor não a adesão a um conjunto de valores já estabelecidos pela tradição crítica, mas uma leitura dialógica, um confronto entre as experiências pessoais do aluno e aquelas experiências de vida contidas na obra.

Os conteúdos de Literatura organizam-se numa seqüência histórica, que vai do próximo ao remoto; Língua Portuguesa, numa seqüência lógica, do simples ao complexo; Redação, numa seqüência "afetiva", que leva do pessoal ao impessoal, do impressionista ao preciso, do imediato ao rigoroso.

6 NA 1ª SÉRIE, A LITERATURA GAÚCHA E OS RELATOS PESSOAIS

O conteúdo de Literatura Brasileira proposto para a 1ª série foi a literatura produzida no Rio Grande do Sul no século XX e a produzida no Brasil, a partir da década de cinquenta, com o objetivo de levar o aluno a questionar o seu tempo e o seu espaço cultural mais próximo.

Os itens examinados seriam os seguintes:

- 1 as raízes míticas e históricas do Rio Grande do Sul na obra de Simões Lopes Neto e de Érico Veríssimo;
- 2 a passagem do campo para a cidade na obra de Ciro Martins e de Dyonélio Machado;
- 3 Porto Alegre nos anos 60 na obra dos escritores gaúchos que retratam esse momento como, por exemplo, *Pedro e Lia*, de Antonio Carlos Resende, *Camilo Mortágua*, de Josué Guimarães e outros;

- 4 a cultura brasileira nos anos cinquenta: a Bossa Nova e o Cinema Novo;
- 5 a cultura brasileira nos anos sessenta: o Tropicalismo e o Teatro;
- 6 o Brasil e o Rio Grande do Sul nos anos setenta: tendências.

A idéia de começar o estudo da Literatura Brasileira pelo mais próximo tinha como objetivo evitar a caracterização da Literatura como um conjunto de textos produzidos num lugar e num tempo distante, inacessíveis à experiência pessoal dos alunos. As leituras obrigatórias a serem discutidas e trabalhadas em aula foram selecionadas pela utilidade que poderiam ter para o objetivo de mostrar que, pelo contrário, a literatura poderia retratar uma realidade muito próxima deles. Um exemplo muito significativo foi a leitura de *Camilo Mortágua*, de Josué Guimarães, romance que nenhum dos professores do Departamento considerava propriamente uma obra-prima, mas que se revelou extremamente útil, na medida em que os alunos puderam até mesmo ir ver de perto o bairro Azenha, o cinema Castelo, a 2ª Delegacia, a padaria e, além disso, foram incentivados a entrevistar familiares e conhecidos mais velhos a respeito dos acontecimentos de 1964. Mesmo a leitura de Simões Lopes Neto produziu interessantes encontros familiares com pais ou avós interioranos ou militantes de CTG, que esclareciam o vocabulário, as práticas, o significado das ações e acontecimentos relatados. O mesmo tipo de circulação mais próxima de informações ocorria com os itens nacionais do programa.

Esses conteúdos, além disso, também serviam de temas contrastantes para os relatos que os alunos escreviam a respeito de sua experiência pessoal, contando aspectos de suas vidas, da vida de pessoas observadas ou entrevistadas e da vida de personagens e personalidades estudadas em aula. Essas pessoas e personagens deveriam estar sempre relacionadas com os conteúdos de Literatura examinados no momento. Seriam textos organizados na seguinte seqüência:

- a) acontecimentos triviais: textos sobre o cotidiano (um dia de semana típico, um fim-de-semana típico, o seu des-

partar, o almoço da família, o jantar da família, etc.), sobre as relações diárias (o que pode ser visto da sua janela, o que acontece na sua rua, como vai para a escola, suas viagens para a praia, o seu dia na escola, as festas que frequenta);

- b) acontecimentos não triviais: textos sobre súbitas irrupções no cotidiano, tais como um dia de semana ou um fim de semana especial, uma viagem para a praia diferente das outras, ou sobre um acontecimento inusitado como, por exemplo, uma conversa importante, um acontecimento que tornou uma situação trivial muito importante, um encontro com alguém muito especial, uma festa diferente das comuns, etc.;
- c) momentos significativos: textos sobre experiências fortes: situações em que experimentou o medo, a alegria, a decepção, a raiva, a tristeza, o amor, etc. e situações em que julgou ter feito um aprendizado importante como o da amizade, traição, injustiça, bondade, companheirismo, etc.;
- d) projetos: textos sobre seus projetos plausíveis tais como a vida profissional que tem em mente, as viagens que pretende fazer, o que pretende fazer nas férias ou depois do 2º grau, etc. e os seus projetos hipotéticos, aqueles que dependem de circunstâncias fortuitas como ganhar na loteria, exercer determinado cargo, conhecer alguém importante, etc.;
- e) descrições de impressões sobre a realidade mais próxima e realidades ouvidas em depoimento de outras pessoas ou lidos em textos literários: pessoas, objetos, cenários, cenas, processos e sentimentos; tipos de pessoas, de objetos, de cenários, de processos, de sentimentos;
- f) relatos dissertativos para registrar opiniões sobre situações, acontecimentos, entidades presentes no mundo mais próximo e também sobre situações mais relacionadas a eles seja por contato direto seja por leituras: caracterização de determinados conjuntos de seres como, por exemplo, os alunos da 1ª série, os do 1º grau, os professores do colégio, os do 2º grau, os do 1º grau, os tipos de pais, de mães, de aulas, de personagens

nos livros lidos, etc.; classificação em subgrupos de determinados conjuntos de seres como, por exemplo, os alunos da aula, os da 1ª série, os do 1º grau, os do 2º grau, os professores, os tipos de música que gosta, de filmes a que costuma assistir, etc.; comparações, estabelecendo semelhanças e diferenças entre dois seres, duas situações, dois tipos de coisas, etc.

Esta seqüência de temas exemplifica o conceito literatura não necessariamente enquanto arte literária, mas enquanto veículo de expressão de nossa relação conosco mesmos, com os outros, com a vida e com o mundo. São temas literários, já foram tratados muitas vezes por todo tipo de escritor. A proposta de encadeá-los desse jeito visa propiciar o registro e a troca de experiências entre os alunos e entre eles e o professor, que freqüentemente era incentivado, até pelos próprios alunos, a escrever sobre os temas propostos, isso quando ele mesmo não tomava a iniciativa de fazê-lo. A prática de ler o texto em aula acabava por criar critérios para a reescrita e a avaliação dos textos produzidos.

7 NO 2º ANO, ESCREVER UM LIVRO

O conteúdo da literatura proposto para o 2º ano foi, de acordo com a idéia geral de andar do próximo ao distante, a literatura brasileira do século XX, num programa formulado deste modo:

- 1 a cidade do Rio de Janeiro no início do século: o romance urbano de Aluísio de Azevedo e de Lima Barreto;
- 2 a cidade de São Paulo na década de vinte: a poesia parnasiana e a modernista;
- 3 o romance dos anos 30: as regiões do Brasil marginal;
- 4 a questão de cultura popular dos anos 60 e o novo regionalismo dos anos 70.

O século XX era retomado de uma perspectiva mais ampla, abrangendo agora todo o Brasil.

A tarefa básica e permanente durante todo o ano era a redação de um livro cujo conteúdo o aluno poderia determinar ou

em função do gênero — narrativa, poesia, ensaio; ou em função de um tema. Os gêneros, de certa forma, já foram trabalhados nos relatos do 1º ano e seriam sistematizados agora no 2º, de acordo com a seguinte proposta:

1 ensaio curto: caracterização do ensaio — diferença entre impressão subjetiva e percepção objetiva da realidade; a relação entre autor, público e assunto e a questão da linguagem técnica;

1.1 estrutura do parágrafo dissertativo: tópico frasal e desenvolvimento; qualidades do tópico frasal e tipos de desenvolvimento;

1.2 estrutura do ensaio curto: introdução, desenvolvimento, conclusão;

1.3 exposição e argumentação;

2 narrativa: caracterização; diferença entre narrativa de ficção e narrativa não-ficcional: verdade e verossimilhança;

2.1 tipos de enredo e tipos de personagem;

2.2 espaço, tempo, ação e foco narrativo: discurso direto, indireto e indireto livre;

2.3 gêneros narrativos: romance, conto e novela;

3 poesia: caracterização; diferença entre prosa e poesia; o descritivo e o poético;

3.1 metro, rima, ritmo: metros populares e metros eruditos; contagem de sílabas e localização de acentos;

3.2 metro e verso livre: Parnasianismo e Modernismo; a poesia enquanto expressão de sentimentos e o fingimento poético;

3.3 figuras de linguagem: o significado das formas poéticas; a canção enquanto forma poética.

Antes da implantação deste programa, já se trabalhava a noção de "ensaio curto" como um tipo de texto que trata de praticamente qualquer assunto, desde reminiscências subjetivas em temas como "como aprendi o valor do dinheiro" até análises de obras literárias. A caracterização baseava-se mais na estrutura do que no conteúdo, a preocupação maior sendo a clareza da exposição e o ordenamento das questões. Trabalhar com a narrativa seria dar um tratamento à parte para suas questões próprias, de modo que os alunos pudessem escolher para o seu

livro temas como a divulgação científica, o relato histórico e outros temas semelhantes. O trabalho com a narrativa acabou envolvendo a leitura e a análise em aula de contos e novelas, numa integração como estudo de literatura.

Com relação ao trabalho com poesia, ele foi incluído também em função do crescente interesse manifestado pela produção de poemas escritos para serem cantados, mas também de poemas escritos. Era cada vez mais freqüente a procura dos alunos por orientação dos professores: daí inclusive a escolha do contraste entre Parnasianismo e Modernismo para esse estudo.

Acompanhei por dois anos a experiência de produzir o livro. No ano de 1983, no início, houve uma série de dificuldades, decorrentes principalmente da descrença dos alunos na sua capacidade de escrever um livro. Muita firmeza e persistência foram necessárias aos professores para convencer os alunos de que eles seriam capazes de fazê-lo. No ano seguinte, com a circulação nas salas de aula dos livros produzidos no ano anterior, o trabalho foi acatado até mesmo com entusiasmo pela nova turma, que começou a produzir seus livros desde o começo do ano, inclusive por causa da experiência adquirida pelos professores.

8 NO 3º ANO, A HISTÓRIA DA LITERATURA E A DISSERTAÇÃO

Era inevitável trabalhar no 3º ano com a história da Literatura Brasileira, conteúdo de vestibular e com o texto dissertativo pelo mesmo motivo. Desse modo, a integração do estudo da literatura com a produção de texto era feita apenas eventualmente, mas tanto um quanto outro trabalho aproveitava o que havia sido anteriormente desenvolvido. Nunca mais, por exemplo, algum aluno, depois de ler Alencar foi capaz de exclamar "que saco!" ou qualquer outra interjeição depreciativa: havia aprendido que livro era produto de um trabalho e não brotava pronto na vitrine da livraria.

Por outro lado, a relação entre a realidade dos alunos e a literatura já tinha sido estabelecida no trabalho dos anos anteriores, e já tínhamos um aluno curioso a respeito dos demais momentos da nossa cultura, especialmente desejoso de entender o processo histórico que deu origem a essa produção cultural. O

estudo da história da Literatura Brasileira numa linha cronológica aparece, então, como a consequência indispensável do trabalho dos anos anteriores:

- 1 Brasil Colônia: a literatura portuguesa feita no Brasil;
- 2 a Independência e a produção literária do séc. XIX;
- 3 o Modernismo e o Séc. XX;
- 4 tendências contemporâneas.

Mesmo tendo de prestar atenção ao vestibular, o trabalho com redação no 3º ano não deixou de levar em conta o envolvimento pessoal com o texto que se escreve, condição indispensável para a produção de textos significativos, comprometidos, questionadores. À quantidade de textos produzidos, deu-se preferência ao trabalho de revisão do texto no sentido de praticar a clareza, a precisão e a eficiência. O trabalho partiu não propriamente de temas, mas de situações estruturais que tinham como centro irradiador o processo da definição.

Tratava-se de provocar a produção de textos que trabalhassem as funções e os processos de definir. A partir de textos escritos pelo professor, os alunos eram solicitados a escrever textos que cumprissem as funções de atribuir um nome mais adequado a um determinado fenômeno, estipular um nome a um fenômeno ainda não identificado e designado, reformular um conceito, mostrando a maior adequação da nova definição, definir um conceito por meio de sinônimos, por meio de exemplos e ilustrações, por etimologia, por gênero e diferença e assim por diante. A relação deste trabalho com a literatura já não é tão imediata, mas este trabalho trata diretamente da questão do conhecimento.

9 ESTUDAR LÍNGUA PORTUGUESA SERVE PARA ESCREVER MELHOR

O programa de Língua Portuguesa para os três anos obedeceu a uma seqüência adequada para a instrumentalização do aluno para expressar-se por escrito cada vez com maior clareza, precisão e criatividade dentro de um padrão de língua culta brasileira moderna. Os aspectos ortografia, acentuação e voca-

bulário são tratados ao longo dos três anos, ao passo que a questão central, que dará o fio condutor é a SINTAXE. Não há limites fixos de conteúdos por série já que toda a seqüência precisa ser vista sem lacunas ou interrupções. Para o 1º ano, a seqüência ideal dos conteúdos de sintaxe é aquela que permita examinar a sintaxe da frase simples e, dentro dela, as classes de palavras, pela ordem:

- 1 a estrutura da frase simples: a concordância e a regência como elos fundamentais da frase;
- 2 problemas da concordância da frase simples;
- 3 o estudo do predicado da frase simples: uso dos tempos verbais, dos complementos e dos adjuntos;
- 4 uso dos pronomes e a questão dos objetos direto e indireto;
- 5 alterações de ordem na frase simples e pontuação relacionada;
- 6 pontuação dos adjuntos adverbiais;
- 7 voz passiva e uso do pronome "se" como indetermiador de agente.

No 2º ano, prossegue como trabalho constante a revisão de acentuação, ortografia e vocabulário. O estudo da sintaxe passa a dedicar-se à combinação de frases simples:

- 1 processos de combinar frases simples: justaposição, ordenação e subordinação; uso do ponto final e dos sinais de pontuação final de oração: frases fragmentadas e siamesas;
- 2 a coordenação: nexos coordenativos e pontuação associada a eles; coordenação de elementos da frase: paralelismo sintático e revisão de frases por coordenação;
- 3 a subordinação adverbial: relações com a coordenação; a pontuação associada às adverbiais e revisão de frases por subordinação adverbial;
- 4 orações adjetivas: uso dos pronomes relativos restritivo e não-restritivo e a pontuação correspondente. Revisão de frases por orações adjetivas.

É consenso não só entre professores de Português que precisamos ensinar nossos alunos a escrever. Professores de Português, no entanto, continuam mantendo uma relação colonizada com a língua portuguesa e com a literatura: continuam ocupando-se da metalinguagem gramatical, mesmo que já não seja mais estritamente a da velha gramática escolar tradicional. As novas modas pós-comunicação-e-expressão em nada alteraram o comportamento geral normativo com que continuaram se conduzindo em seu trabalho docente. Como regra geral, ainda centram seu trabalho em torno da norma culta, mesmo quando alardeiam considerá-la secundária, uma espécie de mal necessário que faz parte do seu carma profissional. O fato, por exemplo, de não serem seus alunos capazes de detectar e corrigir erros de concordância e regência em seus próprios textos, apesar de serem capazes de, em exercícios e provas, acertarem questões desse mesmo tipo, não os tem levado a repensar a relação entre uma coisa e outra, sequer para que reavaliem a importância relativa de uma coisa e outra. Ao que parece, mesmo que já esteja bem clara a inutilidade de tais exercícios para o correto emprego da concordância e da regência, eles devem continuar sendo feitos porque foi sempre assim que se fez.

Da literatura, buscam ainda para o texto de seus alunos aqueles modelos consagrados pela retórica escolar: descrição, por exemplo, quem faz é Alencar, pouco importa se elas são chatas ou se sua importância é apenas histórica e se a literatura contemporânea não faz mais descrições daquele jeito. Aliás, há indícios de que pouco lhes tem importado a literatura contemporânea ou, pelo menos, a relação que com ela possa ter o texto de seus alunos. Até porque o que lhes tem importado no texto de seus alunos não é propriamente sua relação com a vida real, isto é, com o que o texto tem a dizer para seus leitores. Tem-lhes importado aqui também a cerimônia, a forma, a sua adequação a um determinado modelo, ou, pelo outro lado da mesma escala de valores, tem-lhes importado coisa nenhuma, isto é, basta que o aluno escreva seja o que for.

Esta proposta, portanto, para ser implementada vai precisar de um professor de Português que se disponha a livrar-se

de uma concepção de ensino de Língua Portuguesa apenas como ensino de norma culta e metalinguagem gramatical e de uma concepção de ensino de Literatura apenas como história da literatura e, mais do que isso, de uma concepção de literatura apenas como a arte literária dos livros do passado. Principalmente, vai precisar de um professor de Português disposto a estabelecer uma relação viva com o texto de seu aluno, a partir de sua capacidade de ler e fazer ler esse texto e, mais do que isso, julgar e fazer julgar esse texto enquanto instância de produção de conhecimento a respeito da realidade social mais próxima que compartilha com seus alunos.

Vai ser necessário, além disso, uma outra relação com o erro: professores de Português foram acostumados a lidar apenas com textos já bastante lidos e interpretados e com regras de aplicação peremptória. Ao trabalhar com uma concepção de produção de texto como produção de conhecimento, terá de trocar a concepção de norma gramatical por uma de estilo, isto é, do que se executa com e sobre a língua para equacionar problemas, buscar esclarecimentos, organizar idéias, dar palpites, reordenar conjuntos de idéias numa linguagem própria, pessoal, em que a inteligibilidade é o caminho para se chegar à correção. Esse professor deve ser capaz de desencadear um processo que leve o aluno a criar uma linguagem própria, a negociar com o vínculo que o prende à norma culta e com o que o prende à história da literatura, estabelecendo um diálogo entre o seu dialeto e o(s) dialeto(s) culto(s) ou, mais precisamente, um diálogo entre a sua linguagem, isto é, o seu jeito pessoal de enxergar o mundo e o dialeto em que se escreve.

A convicção de que parte este trabalho é a de que é necessário romper o pacto de formalidade há muito firmado entre professores e alunos nas aulas de Português, um pacto que deliberadamente tem posto entre parênteses o conteúdo do que se escreve para valorizar ou a gramática ou a forma em que o texto é composto. Em outras palavras, é necessário que os professores de Português comecem a perguntar em suas aulas pelo conhecimento produzido pelo texto de seus alunos e pela discussão que promovem a respeito desses textos.